

O IMPACTO DO CAPITALISMO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS DA CONTEMPORANEIDADE: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

2017

Érika Petersen Rivas

Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Jorge Amado (Brasil)

Priscila de Lima Silva

Psicóloga. Mestre pela UFBA. Professora do curso de Psicologia do
Centro Universitário Jorge Amado (Brasil)

E-mail de contato:

petersenerika03@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como tema central o impacto do capitalismo nas relações interpessoais da contemporaneidade, discutido pela perspectiva sociológica de Bauman em diálogo com a Psicologia analítica de Jung, propondo e concebendo uma Psicologia Clínica prioritariamente relacionada aos processos sociais. Nesse contexto, objetivou, por meio de uma revisão bibliográfica, compreender os efeitos do capitalismo nas relações interpessoais da contemporaneidade. Para tal, se torna essencial a contextualização do surgimento e análise dos princípios do capitalismo, a associação desses princípios às relações interpessoais vigentes, a interpretação dessas relações sob a luz do conceito de persona, e enfim, a reflexão a respeito do cruzamento do capitalismo com o processo de individuação. Constata-se, afinal, a tentativa de padronização das subjetividades por meio de ideologias consumistas, que consequentemente influenciam nas relações interpessoais, tornando-as apropriadas à lógica capitalista, supervalorizando determinadas personas, dificultando o processo de individuação, bem como a emergência da consciência crítica e a aproximação de si mesmo.

Palavras-chave: Capitalismo, persona, individuação.



Copyright © 2017.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

As novas formas de relações interpessoais na contemporaneidade, comparadas ao modelo do amor romântico que as antecedem, evidenciam uma transformação que desperta o interesse por uma maior compreensão. Como se deu a passagem das relações que tudo suportavam para as que são descartadas nos primeiros obstáculos? Como uma das implicações dessa transformação, têm-se falado em uma crescente desconexão entre o que as pessoas dizem querer com essas relações e como elas têm agido na prática.

Pensemos as novas formas de relações em analogia à persona, um dos arquétipos referenciados por Jung (2008a). Para o autor, a psique tem uma história de desenvolvimento, assim como o lado orgânico do homem, que possibilita a ligação do consciente ao inconsciente coletivo. Essa história auxilia o entendimento da existência dos arquétipos como sendo uma propensão instintiva a reproduzir representações que variam em seus detalhes, mas mantém sua configuração original e que se repetem em diferentes lugares do mundo, sem que haja uma consciência reflexiva sobre a sua existência ou alguma explicação coerente sobre sua propagação. Os arquétipos são atualizados pela cultura, ou seja, a cultura agrega aos arquétipos elementos que os tornam mais compatíveis com o momento atual e com os princípios da cultura vigente, e, assim, também podem ser um meio de entendermos como se dá a transformação das relações e como elas se tornam apropriadas para o cenário contemporâneo.

A persona, segundo Jung (2008a), é um dos arquétipos que compõe a personalidade e se refere a máscaras que adotamos em diferentes meios sociais. É uma maneira de adaptação social e, muitas vezes, o recurso utilizado para que o indivíduo se sinta pertencente a um grupo ou a sociedade como um todo, como um meio de parecer semelhante e adequado à grande massa. Nesse sentido e levando em conta que não podemos, atualmente, falar de cultura sem considerar o impacto do sistema capitalista, torna-se pertinente pensar o capitalismo como um dos fatores que norteiam e influenciam as modificações referentes ao modo de se relacionar e referente, também, ao desenvolvimento de personas apropriadas a esse contexto. Diante disso, o relacionar-se contemporâneo não pode ser pensado sem que seja feita uma contextualização social, que leve em conta a cultura, ideologias, alienação e todo processo histórico em torno do tema.



Apesar de o mal-estar decorrente do ritmo de vida atual acelerado ser severamente criticado por muitos autores, cabe ressaltar que a proposta deste artigo não é abordar a ideia do capitalismo como fator prioritariamente negativo às relações da contemporaneidade. Pretende-se, em lugar disto, compreender de que forma os princípios capitalistas afetam a construção do sujeito e de sua subjetividade, bem como chamar a atenção para o resultado das transformações decorrentes deste processo. Transformações estas, que parecem reduzir as relações interpessoais a mais um mero produto do consumismo que, assim como os produtos que adquirimos através do capital, devem diminuir nossas angústias e ansiedades, nos proporcionando prazer imediato e serem trocadas ou descartadas quando aparecem as primeiras dificuldades.

Diante do exposto, esse estudo traz como problema de pesquisa: como o capitalismo influencia nas relações interpessoais vigentes? E nesse contexto, objetivou compreender os efeitos do capitalismo nas relações interpessoais da contemporaneidade, contextualizando o surgimento e analisando os princípios do capitalismo, associando esses princípios às relações interpessoais vigentes, interpretando essas relações sob a luz do conceito de persona, e refletindo de que forma o capitalismo e o processo de individuação se cruzam. Para tal, faço uso da sociologia em diálogo com a Psicologia Analítica como meios de reflexão acerca da construção dos valores contemporâneos, analogamente ao conceito de persona e individuação.

Esse tema é importante devido a constatação prática, e já comentada por autores contemporâneos como o sociólogo Bauman (2004), da crise de identidade no âmbito das relações interpessoais que se vive atualmente. Isso se explica por diversos fatores, mas analisando de um modo sucinto, as identidades são construídas socialmente por meio de identificações advindas das interações e das representações sociais de forma processual, ao longo da vida. Isso significa dizer que a identidade das relações também é construída historicamente de acordo com os processos da sociedade. A criação de identidade exige identificações e para que essas identificações construam uma identidade, elas precisam, em certa medida, ser estáveis. Atualmente, a velocidade com que tudo se transforma não facilita a realização de identificações prolongadas e conseqüentemente a construção de uma identidade minimamente sólida. Como destacou HALL (2005):

Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. (HALL, 2005, p.75).

Esse fator, portanto, constitui a contemporaneidade e traduz uma sociedade em crise, com identidades plurais, oferecidas pela cultura, sempre volúveis, que a todo instante mudam porque o

movimento é aquilo que é valorizado. No âmbito das relações interpessoais o que se verifica, é que, sucessora de um modelo de relações pautado no advento do romantismo, inventado e vendido como ideologia dominante por muito tempo, na sociedade atual, onde prevalece a transitoriedade e a efemeridade, as pessoas parecem meio perdidas em relação ao que querem com as relações que procuram e ao que executam quando imersas na sua prática. Apesar disto, é importante destacar que o conceito de crise aqui mencionado não designa prejuízo ou está associado a qualquer qualificação negativa referente ao relacionar-se, no lugar disto, se refere a uma desorganização que aponta para o advento de um novo caminho, para um novo rumo.

Evidencia-se, além disso, uma transformação na ideologia dessas relações que parece sugerir e, até mesmo impor, despercebidamente, um novo molde de relações que vem se consolidando e que despertam um desejo inquietante e questionamentos constantes a respeito de onde elas emergem e por que se mantêm. Sendo assim, compreender o seu contexto e influências, acrescentam à formação pessoal e profissional um entendimento e uma visão mais ampla acerca do tema que, conseqüentemente, impacta diretamente na postura pessoal frente a vida e na postura profissional frente às questões que podem surgir no âmbito da clínica. Além disso, como profissional de Psicologia, é possível a ocorrência da mediação de discussões referentes ao tema, promovendo uma reflexão social problematizada que estimule a consonância do desejo de cada um com a maneira que fazem o relacionar-se acontecer.

Este tema, também, faz-se pertinente para a psicologia visto que compreender os processos sociais e o contexto de onde essas relações emergem, como acontecem e como impactam na vida das pessoas, possibilita maior preparo na clínica e direcionamentos mais assertivos frente a conflitos trazidos por pacientes entre seus desejos, concepções e reais necessidades que vão de encontro às normas sociais impregnadas de forma subjetiva e inconsciente ao longo da vida. O psicólogo clínico poderá melhor mediar esses conflitos e facilitar o processo de individuação das pessoas, contribuindo em direção a uma forma de viver cada vez mais acordada com seus desejos reais. Nesse sentido, há que se pensar na separação da psicologia clínica e social como uma concepção ultrapassada, já que para melhor compreender um indivíduo, em qualquer contexto que possa envolver intervenção psicológica, faz-se necessário, a priori, a compreensão dos processos sociais e o contexto no qual o indivíduo está inserido. Afinal, ele é também constituído pela socialização e cultura em que está mergulhado e não pode ser pensado fora dela. Ademais, os indivíduos beneficiados com a terapia, com intervenções grupais, pesquisas, fóruns e discussões acerca do tema, também beneficiam outras pessoas e influenciam de forma macro em outros meios sociais.

A pesquisa se desenvolve através do estudo exploratório que, segundo Gil (2008), tem o objetivo de auxiliar posteriores pesquisas ao levantar informações que promova uma maior familiarização com o tema de forma a torna-lo mais explícito ou obter uma nova percepção do

objeto de estudo com a introdução de novas ideias. Para tal, realizou-se uma revisão bibliográfica através da leitura e análise de livros, dissertações e artigos académicos, pesquisados do período de 1991, devido a necessidade do uso de clássicos indispensáveis, até 2016, a fim de fazer um levantamento qualitativo sobre o tema.

Para o procedimento de busca de material, objetivando o desenvolvimento desse artigo, foram utilizados nas bases de dados do [Scientific Electronic Library Online](#) (SCIELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC) e Google Acadêmico os seguintes descritores: capitalismo, relações interpessoais, contemporaneidade, persona, individuação. Como critério de seleção, foram incluídos livros, artigos e dissertações que contemplem o tema com uma perspectiva da psicologia analítica de Jung e/ou sociológica de Bauman, autores clássicos selecionados a priori como bases essenciais para o tema proposto, por trazerem uma perspectiva consistente em seus livros, serem frequentemente citados nos artigos atuais no que se refere aos efeitos do capitalismo nas relações interpessoais ou possuírem um apanhado teórico compatível a associações que realizem a interlocução da sociologia com a Psicologia Analítica.

Das obras de Bauman foram utilizadas: *Vida líquida* (2007), *Amor líquido* (2004) e *O mal-estar da pós-modernidade* (1998), para abordar o capitalismo e as relações interpessoais contemporâneas. Já das obras de Jung, foram utilizadas: *A Dinâmica do Inconsciente* (1991), *A Prática da Psicoterapia* (2007), *O eu e o Inconsciente* (2011), *O homem e seus símbolos* (2008) e *Tipos Psicológicos* (2008) com a finalidade de fazer uma analogia dessas relações com o arquétipo da persona e refletir sobre o processo de individuação como um movimento dificultado pelo capitalismo e ao mesmo tempo como uma via de saída para um relacionar-se mais condizente com as vontades de cada um. Por fim, além dos descritos, também foram utilizados artigos e dissertações mais atuais que trazem uma perspectiva teórica que acompanhem e conversem com as encontradas nos livros clássicos.

O CAPITALISMO E SEUS PRINCÍPIOS

De acordo com Cisne (2007), que acompanha a ideia de Marx, a história do capitalismo é “a história da luta entre as classes que o compõem, já que as contradições e antagonismos que envolvem essas classes definem os rumos econômicos, políticos, sociais e culturais desta sociedade”. Com base nessa história, o capitalismo pode ser entendido como um sistema socioeconômico cujos meios de produção e distribuição são de propriedade privada, sempre com fins lucrativos. Para que ele funcione, é necessário o advento de meios tecnológicos, ideológicos e sociais compatíveis, como forma de garantir o consumo, acumulação de capital e a organização social que o acompanha. Em outras palavras, a sociedade capitalista, ultrapassa questões

conflitantes resultantes de um modelo econômico, passando a ser atravessada socialmente, também, por conflitos de ordem ideológica.

Por ideologia entende-se uma mediação social que naturaliza determinados valores, hábitos e ideias de uma classe dominante, tornando-a abrangente a todas as classes sociais. A ideologia existe para, de certo modo, exercer uma forma de controle social, sem que, obviamente, esse controle seja percebido pelos controlados. Marilena Chauí (2016, p. 247) define ideologia como “um corpus de representações e de normas que fixam e prescrevem de antemão o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir. A ideologia predetermina e pré-forma os atos de pensar, agir e querer ou sentir”. Através da alienação, ela se torna possível, e o resultado é uma sociedade reprodutora de ideias introduzidas por uma classe dominante interessada no controle social, convencida de que determinada coisa é por si mesma uma verdade absoluta alheia às suas influências. Para melhor compreensão de todo o processo de mudança ideológica, é preciso considerar alguns acontecimentos históricos viabilizadores das ideias que se consolidam atualmente.

O sistema capitalista sucedeu o feudalismo, que segundo Heers (1991), se define por uma organização social e política pautada nas relações servo-contratuais e na agricultura de subsistência. Pirenne (1999), complementa, explicando sucintamente, que os camponeses cuidavam das terras dos Senhores Feudais cedidas pelo rei, pagando não apenas com o seu trabalho, mas também com imposto, por uma pequena parte da terra que recebiam para viver e pela proteção. O funcionamento de exploração desse sistema anterior ao capitalismo, tinha como ponto central a troca, sendo as terras o que existiam de maior valor.

No século XVIII, acontece a Revolução Industrial e, junto a ela, o liberalismo ganha força. O capitalismo, então, não por acaso, vende a ideia do trabalho e da liberdade onde todos os seres são livres para fazerem o que quiserem, mas, para tal, necessitam de dinheiro e, para isso, o trabalho faz-se necessário. Ou seja, a liberdade é dependente do trabalho. O capitalismo surge, então, com a falsa proposta de romper com o sistema de exploração feudalista e proporcionar uma melhora nos aspectos financeiros e de vida de todas as classes. Propondo maior liberdade à todas as pessoas, bem como direitos trabalhistas e possibilidades de crescimento financeiro, o sistema capitalista, nada mais é que um fortalecedor das desigualdades sociais e, como demonstra Elaine Bering (2003), um caminho para intensificar a concentração de renda por meio de:

Alcançar o máximo de produtividade da força de trabalho com o mínimo de custo, ou seja, um processo de superexploração da força de trabalho para ampliar a taxa de mais-valia e de lucro, mas sem preocupação com o crescimento e com os efeitos de barbarização da vida social daí decorrentes. (BEHRING, 2003, p. 40).

O capitalismo se baseia em dois principais pilares: a competição, que permite que esse sistema esteja sempre em evolução; e o consumo, fator este que nos impulsiona a querer sempre mais. Em outras palavras, na lógica capitalista, precisamos competir para ser os melhores e, assim, consumir mais, reforçando a posição de vencedor. Sendo assim, podemos perceber que a nossa liberdade é apenas simbólica e que tem como objetivo aliviar o peso do trabalho.

Arelado a esses dois pilares que sustentam o sistema capitalista, vários princípios norteadores concomitantemente são inseridos no contexto social de forma tão naturalista que parece difícil conceber uma sociedade que não seja permeada por eles. Cultuando a produtividade, a individualidade, o individualismo, o egoísmo, o narcisismo, o hedonismo, a descartabilidade, a rapidez, a urgência, o imediatismo, a efemeridade, o constante movimento e destaque a tudo que englobe o aperfeiçoamento profissional, o novo, o poder e o status, o capitalismo introduz no inconsciente das pessoas a ideia de que, acreditando na liberdade e originalidade proposta, o que importa é produzir e consumir sem pensar nas consequências, transformar a aquisição de coisas em vício e, seguir em frente na busca desenfreada do prazer e do poder. Como analisa Campos (2010):

Estamos entregues a essa grande compulsão que se instala de maneira globalizante, estamos cegos para olhar a nós mesmos e ao outro, substituindo relações por vícios, trabalho desenfreado e cacarecos pós-modernos, aumentando a sensação de impaciência em relação ao outro. (Campos, 2010, p. 4).

Sendo assim, é possível perceber que os princípios implantados pelo capitalismo em nossa cultura influenciam em todo aspecto psicossocial dos sujeitos, modificando suas sensibilidades, gerando novas necessidades, novos desejos, novos modos de sentir e de perceber o mundo em que se vive. O capitalismo, desse modo, produz não somente mercadorias, mas também subjetividades. Colombo (2012), com pensamentos semelhantes, alega que estamos vivendo uma época de transformações, em que valores já estabelecidos estão perdendo a sua força, assim como algumas ideologias clássicas e certezas anteriormente ditas inabaláveis. O que está posto hoje, é uma verdadeira época de transformação da cultura e com ela, a ideia de que o individualismo e o egoísmo apressam o progresso e a felicidade geral.

Bauman (2004), sobre o consumismo, faz uma analogia dizendo que o nosso modo de viver cada vez parece mais com a "cidade invisível" de Leônia, descrita por Ítalo Calvino (2003, p.150), onde "mais do que as coisas que a cada dia são fabricadas, vendidas e compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que a cada dia são jogadas fora para dar lugar às novas". Parece que o prazer da sociedade atual não está voltado apenas para aquisições momentâneas, mas também

para o livrar-se das coisas. Descartar e eliminar é a verdadeira paixão de nosso tempo. O próprio Calvino ainda complementa:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer o inferno. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte dele até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (CALVINO, 2003, p.150)

Diante disto, é possível perceber vários pontos de interseção entre o capitalismo e os âmbitos da vida, transformando tudo em mercadoria e incluindo tudo na lógica perversa comercial: bens, ofícios públicos, concessões administrativas, ideologias, atos políticos e até pessoas. Reduz-se a condição de valoração do homem ao que ele pode adquirir, não pela utilidade do que adquire, mas pelo valor social que possuir uma determinada coisa lhe garante. Não por acaso, o que ele pode adquirir parece sempre proporcional ao que pode descartar. Acumular não é a questão. Consertar não é a questão. Trocar é a mais apropriada ilustração do prazer. Parece pertinente pensar, então, como e em que medida as relações interpessoais foram, por esse princípio, afetadas.

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS DA CONTEMPORANEIDADE

Para que possamos entender as relações interpessoais contemporâneas com certa profundidade, devemos primeiramente entender o que designa e caracteriza a contemporaneidade. Segundo Da Poin (2001) a sociedade contemporânea é:

Uma sociedade sem herança, de indivíduos órfãos de ideais e de verdades simbólicas que correm atrás da sedução das imagens que lhes são impostas de inúmeros modos. Na falta de identificações, tentam arrumar uma identidade que lhes permita viver os instantes, identidade adotadas sem firmeza alguma, pois o mundo de hoje exige volatilidade, mudança, trocas, descartabilidade (DA POIN, 2001, p.12).

Ou seja, fundamenta a contemporaneidade, uma sociedade constituída e constituinte de uma condição social plenamente compatível com o cenário capitalista descrito anteriormente. Disto isso, conhecer e considerar de onde as relações interpessoais emergem e como são constituídas, se

torna essencial para elucidar o entrelaçamento dos princípios capitalistas ao âmbito das relações. Segundo Araújo (2003):

O sujeito psicológico é constituído por diferentes dimensões: cognitiva, afetiva, biológica e sociocultural e seu funcionamento se dá a partir das inter-relações destas entre si e com o mundo externo físico, interpessoal e sociocultural com o qual o sujeito interage. (ARAÚJO, 2003, p.150)

Levando em conta que a construção do psiquismo é um processo desenvolvido socialmente, por meio das relações sociais, o capitalismo se torna elemento essencial para melhor entender o fenômeno psicológico. Como seres socio-históricos, ao longo dos anos, na medida que os princípios capitalistas se cristalizavam, os indivíduos passaram a reproduzi-los de forma naturalizada. Se o ponto chave do capitalismo é promover o consumo e se estamos imersos nessa cultura, internalizando seus princípios por meio das relações com o outro, devemos considerar que isso influencia decisivamente na formação psicossocial dos sujeitos, ocasionando novas formas de sensibilidades e novas formas de perceber o mundo no qual vivemos.

Rolnik (2002) diz que os indivíduos da contemporaneidade estão anestesiados com o processo de personalização que é imposto pelas lógicas capitalistas, pois “conflituam os mais íntimos desejos e misturam às vontades de modo a praticarem um ritual antropofágico de subjetivação sobre os sentidos”. Esse pensamento parece fazer sentido se considerarmos que as relações interpessoais são mediadas pelo sistema de signos, que por sua vez, são construídos no âmbito social e, portanto, interligados aos princípios culturais vigentes. Com isso, muitas vezes os indivíduos desprezam suas características pessoais para se igualar aos outros e demonstrar adesão ao código socialmente construído. Ou seja, a subjetividade parece, muitas vezes, ser deixada de lado para dar lugar à emergência do sujeito social, que vive de acordo com os princípios de uma grande maioria, sem se questionar sobre seus reais desejos, afinal, seu reconhecimento como sujeito, acontece por meio do universo linguístico criado pelo próprio sistema capitalista em questão.

As relações interpessoais não parecem ter escapado do poder de imposição cultural do sistema vigente, ao contrário, parecem ser moldadas de acordo aos meios e objetos de consumo e ainda com os princípios do consumismo que sugere a busca desenfreada pela felicidade e pelas sensações prazerosas e efêmeras, acompanhando comportamentos determinados por um manual que se propõe à função de guia sobre os caminhos e suas formas de fazê-lo. O que o sociólogo Bauman (2004) chama de líquida, parece-me não menos apropriado utilizar o termo gasosas, para as relações que a sociedade vem desenvolvendo, considerando a velocidade com que as coisas

acontecem e se extinguem. Tamanha facilidade para trocar os amigos e amores e tamanha vastidão dos meios pelos quais se pode fazer isso. Machado(1999) à essa ideia, acrescenta:

As sociedades contemporâneas são marcadas por um processo contínuo de aceleração onde as matérias de expressão tornam-se rapidamente obsoletas. Parece que o mundo se transforma numa sequência aleatória e infinita. Neste sentido, a pluralidade configura-se em intensidade e não em densidade. (MACHADO, 1999, p. 215).

Dito de outra forma, o consumismo de hoje não visa ao acúmulo de coisas, assim como não visa o reparo. Ao contrário, visa à facilidade de trocar, de descartar e começar de novo, com a promessa ilusória e jamais cessada de que o que vem depois vai ser sempre melhor do que aquilo que você já possuía. Assim, também são as relações: a rapidez ganha o lugar da solidez, as pessoas parecem não querer gastar seu tempo em construção e reparo, quando trocar parece, ilusoriamente, sempre muito mais fácil e vantajoso. Lipovetsky (2006) parece estar de acordo quando escreveu que:

A sociedade de consumo é a programação do cotidiano: ela manipula e quadricula racionalmente a vida individual e social em todos os seus interstícios, tudo se torna artifício e ilusão a serviço do lucro capitalista. O novo é superior ao antigo (LIPOVETSKY, 2006, p. 260).

Parece adequado, então, pensar que a lógica capitalista é criadora das necessidades humanas, ela dita o que devemos buscar, o que falta, o que precisamos para alcançar a dita felicidade e, não por acaso, cria e vende as satisfações. Afinal, com o capitalismo não se vende apenas objetos, mas pertencimento social através das representações de cada bem adquirido. Sendo assim, não se vende celular, carro, roupa da moda, vende-se poder, felicidade, segurança, juventude e afins.

De acordo com Bauman (1998, p.10) "os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade". Diferente do que defendia Freud (1997), que analisou a crise da civilização moderna considerando que essa civilização, pela falta do exercício da liberdade, porém com segurança, via-se impedida da felicidade individual. A ideia de Bauman, no entanto, parece caber melhor nessa noção de liquidez, diversa da modernidade sólida à qual Freud se referia. Ainda acerca disso, ele complementa:

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-

estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade, de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p.10).

No fim das contas, as pessoas parecem não perceber que essa manipulação capitalista e da (pseudo) liberdade que é vendida, esvazia de sentido as relações humanas e distrai o indivíduo de si mesmo e da violência real da desordem social.

A vida contemporânea nos mostra a todo tempo o quanto tudo é efêmero na cultura da busca desenfreada pelo prazer imediato. As novidades, no mundo, são demasiadas e intermináveis, e a velocidade com que essa novidade se mostra é tão rápida e violenta, que leva o indivíduo a buscar sempre mais, a continuar buscando sempre algo melhor, porque o que já possuímos nunca é bom o suficiente. O indivíduo consome desenfreadamente, imergindo-se nas malhas do sistema sem prévia reflexão e fazendo com que a aquisição de coisas se transforme em vício, onde tudo é poder e prazer e nada, nunca, é satisfação.

Para Bauman (2007), a sociedade de consumo tenta a todo tempo satisfazer os desejos humanos; no entanto, essa promessa só se manterá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado. Na realidade, esse é o mais fiel reflexo do que é a estratégia de mercado, da sociedade e da indústria de consumo, a “não satisfação dos desejos e a crença firme e eterna de que cada ato que visa satisfazê-los deixa muito a desejar e pode ser aperfeiçoado – são esses os volantes da economia que tem por alvo o consumidor”. (BAUMAN, 2007 p. 106).

O autor, ainda acrescenta que "a sociedade de consumo não é nada além de uma sociedade do excesso e da fartura – e, portanto, da redundância e do lixo farto" (BAUMAN, 2007, p. 111). O excesso também gera o vazio existencial, aumenta as incertezas pela liberdade de escolhas e não é nunca suficientemente excessivo. Aliás, pode-se pensar em como é paradoxal o modo como as pessoas fazem o relacionar-se acontecer. Entupidas de um vazio existencial causado pela velocidade em que se vive e de como se vive subjetivamente cada vez mais padronizado, as pessoas buscam nas relações, segurança e certeza em meio a todas as incertezas da vida. Porém, ao se relacionar, reproduzem os princípios capitalistas que resultam na propagação e na intensificação da insegurança. Para entender, se faz necessário retomar a ideia de que o capitalismo implanta a ideologia da perfeição, e a busca incessante por ela abrange também as relações humanas, ocasionando uma verdadeira corrida rumo ao vazio, afinal, nada é construído quando se busca aquilo que não existe. Com isso, os defeitos são intoleráveis, os obstáculos insuportáveis, a solidez ameaça à liberdade de movimento e a durabilidade às novas possibilidades. Tudo isso, dá sentido ao advento por relações frágeis. O que as pessoas parecem não se lembrar é que em se tratando de relações interpessoais não existem rosas sem espinhos. Ou seja, que todas as pessoas são,

metaforicamente, um reflexo do Yin-yang, possuindo características boas e ruins, e que o que na realidade acontece são trocas de alguns defeitos por outros defeitos.

Os fatores e princípios que compõe o capitalismo são capazes de configurar, alterar, abalar e destruir relações sociais, afetivas e emocionais, até mesmo quando roubam o tempo que o indivíduo necessita para se ouvir e se atualizar de acordo às suas reflexões. Essas transformações dificultam que as pessoas percebam a realidade na qual estão inseridas com lucidez, tornando-as vulneráveis às mazelas e aos efeitos desse projeto alienante. Dito de outra forma, na medida em que as relações sociais parecem ser o espelho da dinâmica capitalista, barreiras concretas dificultam o desenvolvimento de uma consciência crítica, autônoma e saudável. Por outro lado, essa afirmação não quer dizer que o psicológico esteja completamente subordinado ao social, afinal, mesmo que o sistema capitalista introduza grande parte dos princípios norteadores da contemporaneidade no inconsciente coletivo, é fundamental considerar a capacidade do indivíduo de criticar e refletir sobre a própria realidade. Essa capacidade, portanto, pode vir a ser um elemento importante nas mobilizações para modos de viver mais condizentes com a subjetividade e menos automatizados e decorridos de um sistema maçante de alienação, que é o que abrange o sentido do presente artigo.

RELAÇÕES INTERPESSOAIS E O ENTENDIMENTO DE PERSONA

Podemos pensar, pelo viés da Psicologia Analítica, o quanto a reprodução desses modelos de relações norteadas pelo consumismo se entrelaça com o conceito de persona (máscara). No teatro grego, a persona estava relacionada à composição de uma aparência que o papel em questão exigia, bem como na ampliação da voz para que fosse escutada pelas demais pessoas. Para SHARP (1997), persona não foge tanto a essa definição, já que designa "aquilo que na realidade não somos, mas aquilo que tanto nós, como os outros, pensamos que somos". Para melhor compreensão, na definição de Hall e Nordby (1993, p. 36), "persona é a máscara ou fachada ostentada publicamente com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim de que a sociedade o aceite. Também pode ser denominada arquétipo da conformidade". É, em suma, projetada por um lado, para fazer uma impressão definitiva sobre os outros, e por outro, dissimular a verdadeira natureza do indivíduo, dando-o a possibilidade de compor um personagem que necessariamente não seja ele mesmo.

A persona é, em síntese, a capacidade de cada um desenvolver diversos papéis, como se fossem papéis para interpretarmos, para sermos vistos pelos outros. Jung (2008b), usou este termo para mostrar a maneira como uma pessoa se adapta ao mundo, como uma forma de ser socialmente. Sabe-se que os arquétipos são atualizados pela cultura, e a persona, como um arquétipo que compõe a personalidade, é construída por meio da socialização ao longo da vida, nas relações com o outro

e com o mundo. Ou seja, a escolha das personas que serão desenvolvidas dependerá da cultura em que o indivíduo está inserido, acarretando no desenvolvimento de personas apropriadas ao contexto cultural em questão. Dentro de uma mesma cultura, entretanto, ocorrerá mudança dos valores socialmente aceitos e desejáveis, que, por conseguinte, influenciam nas transformações e nas atualizações das personas desenvolvidas, tendendo a apresentar características cada vez mais compatíveis a esses valores, mostrando e intensificando as características consideradas culturalmente como apropriadas e escondendo o que não for condizente com o que se espera de um determinado papel em um determinado contexto. Segundo Jung (1985):

Como seu nome revela, [a persona] é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é individual, quando na realidade não passa de um papel ou desempenho através do qual fala a psique coletiva. (JUNG, 2011, p.151).

É importante ressaltar que essas máscaras são necessárias para nos adaptarmos à vida e nos sentirmos parte da sociedade, porém, assim como qualquer componente psíquico na Psicologia Analítica, a persona possui aspectos positivos e negativos. Em seu equilíbrio, referente à capacidade de alternar entre os papéis e de saber suspender o artifício de mostrar o que esperam de nós, deixando emergir o si mesmo e não se distanciando do hábito de olhar para dentro de si, a persona auxilia na convivência social e lhe confere certa segurança frente ao que é esperado de cada um, visto que existem características pré-definidas que orientam melhor o indivíduo em seus grupos sociais.

Por outro lado, se estas são, em sua maior parte, construídas em favor de uma convivência coletiva, pode-se considerar que, fugindo a um equilíbrio funcional, uma cristalização ou a identificação por parte do ego com uma única persona, a ponto de a pessoa viver em função dela, não sabendo como suspendê-la, acarreta algum prejuízo a nível individual, podendo ocorrer de o sujeito utilizá-la de tal maneira que ele vive como gostaria de ser, e não o que realmente é.

Visto isso, as personas podem ser compreendidas, também, como mediadoras entre o ego e o mundo externo, afinal, a persona concede ao ego a condição de ser aprovado socialmente, funcionando como invólucro que o ego utiliza para lidar com o mundo externo. O ego, de acordo com Jung (2007) é o centro da consciência. É a organização da mente consciente, que através das percepções também conscientes da realidade, fornece ao indivíduo uma identidade. Ele engloba toda a consciência que um indivíduo tem de si, de suas qualidades e características relacionadas ao contexto social a que pertence. Hall e Nordby (1993), explicam que “a menos que o ego reconheça a presença de uma ideia, sentimento, de uma lembrança ou de uma percepção, nada disto pode chegar a consciência.” Sendo assim, é importante ressaltar que o ego é, inicialmente, devido a

necessidade de adaptação do indivíduo ao coletivo, identificado com a persona e conseqüentemente com as expectativas sociais, para só diante de maior conexão com processo de individuação, entrar em maior contato com o si-mesmo (entendido como a essência de cada pessoa), curvando-se também às suas demandas. De modo geral, todo o desenvolvimento da vida de um indivíduo é visto por Jung como um afastamento gradual do controle do ego em direção ao domínio do Si-mesmo (Young e Dawson, 2002, p. 110). Sendo assim, pode-se entender como o capitalismo intensifica esse controle e se conecta com o nosso ego, através da possibilidade do ter, de adquirir um bom carro, um bom emprego, um bom casamento, através da ideia intrínseca de demasiada importância do que mostramos para o outro, do que esperam de nós e na consolidação desses papéis sociais a que nós somos chamados a todo o tempo na era do capitalismo.

As pessoas desenvolvem personas para contextos familiares que são peculiares aos mesmos e que são diferentes dos contextos de trabalho, por exemplo. Ademais, em diferentes profissões também existem diferentes modelos pré-definidos que influenciam na persona que cada pessoa vai desenvolver e exercer, compatíveis a cada uma delas. A persona do trabalhador é reforçada diariamente pela ideologia do consumismo, pela produtividade desenfreada, pela competitividade e pelos demais princípios e valores capitalistas citados na primeira sessão, que acarretam toda uma transformação ideológica abrangente aos vários outros âmbitos da vida. O mundo do trabalho faz com que sejamos trabalhadores durante muito tempo da nossa vida e a supervalorização dessa persona, acarreta no afastamento do indivíduo da sua própria natureza, do contato com outras personas e do seu processo de individuação que é também compreender como elas alternam e devem alternar nas suas vidas.

Associando o conceito ao âmbito das relações interpessoais e levando em conta o critério social na construção de personas, bem como que os princípios capitalistas acabaram atingindo essas relações e que diariamente são consolidados na medida em que as pessoas intensificam umas nas outras a busca pela perfeição utópica que lhes fizeram acreditar ser existente, se faz necessário considerar que não há exatamente o discernimento do limite e do momento em que se deve ou que seja possível suspender a execução dessas personas, deixando emergir fatores subjetivos da personalidade, visto que os indivíduos se relacionam o tempo inteiro das suas vidas e não apenas em determinadas ocasiões e ambientes. Esse é um fator crucial para compreender porque ainda que o desenvolvimento de personas no dia a dia seja saudável e até mesmo necessário para a vida em sociedade, no âmbito das relações interpessoais o assunto ganhe uma conotação dimensionalmente mais delicada. Para favorecer o entendimento, Hall e Nordby (1993) garantem que:

O papel da persona na personalidade tanto pode ser prejudicial como benéfico. Quando um indivíduo deixa-se enleiar demais ou se preocupa excessivamente com o papel que está desempenhando, e começa a se identificar unicamente com tal

papel, os demais aspectos de sua personalidade são postos de lado. Tal indivíduo governado pela persona torna-se alheio à natureza e vivem em estado de tensão em razão do conflito entre a persona superdesenvolvida e as partes subdesenvolvidas de sua personalidade. (HALL E NORDBY. 1993, p. 37)

É aqui que se faz a reflexão acerca do que realmente queremos com as relações interpessoais e do quanto vivemos em função de um padrão imposto subjetivamente. Queremos lutar pelas relações e construí-las a base de consertos e ajustes, quando o mundo externo nos diz que bom para nós é somente aquilo que agrega coisas positivas e que, então, nas primeiras dificuldades devemos descartar tudo o que foge a esse princípio e buscar por outras pessoas que sejam melhores e não possuam aqueles defeitos? Sobre a ideia da descartabilidade, Bauman (2004) acrescenta:

Consideradas defeituosas ou não “plenamente satisfatórias”, as mercadorias podem ser trocadas por outras, as quais se espera que agradem mais. Mas, ainda que cumpram o que delas se espera, não se imagina que permaneça em uso por muito tempo. Afinal, automóveis, computadores ou telefones celulares perfeitamente usáveis, em bom estado e em condições de funcionamento satisfatórias são considerados, sem remorso, como um monte de lixo no instante em que “novas e aperfeiçoadas versões” aparecem nas lojas e se tornam o assunto do momento. Alguma razão para que as parcerias sejam consideradas uma exceção à regra? O que dizer de uma balsa com um marinheiro inexperiente que, criado na era dos acessórios, nunca teve oportunidade de aprender a arte dos reparos? Nenhum marinheiro atualizado perderia tempo consertando uma peça sem condições para a navegação, preferindo trocá-la por outra sobressalente. Mas na balsa do relacionamento não há peças sobressalentes. (BAUMAN. 2004, p.28)

Percebe-se que o capitalismo com seus avanços tecnológicos não foi capaz de livrar o homem dos seus desamparos, ao contrário, prometeu a fórmula da felicidade utópica que parece inalcançável pelos meios que foram propostos, já que são meios que só trazem felicidades substanciais. Com isso, é necessário refletir sobre como a sociedade capitalista vive permeada por lógicas perversas disfarçadas de formulas da felicidade geral, que, muitas vezes, só favorecem o sistema. Afinal, quem define o que é bom e ruim no âmbito das relações, considerando que esse âmbito acompanha a lógica consumista? O capitalismo praticamente define o que é belo e o que não é, o que é adequado e o que não é, o que é permitido e o que não é, porque é em função dele e do que está sendo vendido como tal, que esses aspectos são definidos. E até que algumas ideologias vendidas por ele sejam revistas e questionadas por quem consegue perceber o quanto uma determinada convicção pode ser alienante no âmbito pessoal, parte da sociedade que acompanha a massa, vive o relacionar-se, de acordo com as concepções e desejos que lhe são alheios, sem

entender o motivo por ainda permanecerem angustiadas e insatisfeitas. Não seria isso a supervalorização de máscaras para vestirmos enquanto nos relacionamos? Não apresentaria perigo uma ideologia que te faz acreditar que tu podes ser qualquer coisa, desde que não seja você mesmo com todos as suas falhas e com o que definiram como defeitos?

O ser humano é dependente das interações sociais para sobreviver e, devido a isso, o grau e como interagem socialmente será um determinante essencial da sua qualidade de vida, seja no âmbito pessoal ou no profissional. Uma pessoa com dificuldades em criar ou sustentar relacionamentos, tende a desenvolver problemas como a baixa autoestima, ansiedade e depressão. É importante saber como o capitalismo se entrelaça às relações interpessoais e o quanto, como efeito desse entrelaçamento, se torna apropriado para a sociedade o superdesenvolvimento de personas atualmente, contribuindo para a construção de uma sociedade de seres subjetivamente padronizados, desconectados com seus próprios desejos e esvaziados de sentidos. No fim das contas, pode-se dizer que as personas são essenciais e até reforçam vínculos sociais, mas muitas vezes, como consequência, também, da supervalorização acabam se limitando ao narcisismo e se tornando um artifício intensificador da individualidade, visto que, muitas vezes reforça a superficialidade das relações.

Sendo assim, é possível perceber que o cerne dessa reflexão, não é trazer a público o conceito de persona como componente psíquico associado à ideia de patologia, mas enfatizá-la como recurso que necessita de um funcionamento flexível para que traga os benefícios a que ela se propõe e alertar a sociedade quanto a possibilidade de tornar-se aliada aos processos que distanciam as pessoas de si mesmas. Nesse caso, desfavorecendo a realidade individual quando vivida de modo disfuncional, bem como o autoconhecimento, a aceitação de si e o desenvolvimento de um eu diferenciado dessa massa engrenada nas verdades absolutas impostas. Diante disso, e considerando, o pensamento de Jung (2011), que afirma que a conscientização de processos alienantes é essencial para uma vida mais plena e para uma personalidade em maior totalidade, pode-se considerar a tomada de consciência da dimensão das consequências do entrelaçamento do capitalismo com as relações, como um ponto de partida para o avanço do processo de individuação.

CAPITALISMO E INDIVIDUAÇÃO

Considerando os conteúdos discutidos anteriormente no presente artigo, em algum momento surgirão questões como: já que o capitalismo pode ser declarado um fator alienante de nossa própria subjetividade, existe alguma saída em meio a essa padronização perversa que nos aproxime de nós mesmos e daquilo que já não temos o costume de prestar atenção em nossa psique? Pelo viés da Psicologia Analítica, pode-se falar do processo que Jung (2008a) chamou de Individuação.

Ademais, há que se considerar e discutir a via de mão dupla que é, abordar esse assunto em diálogo com o capitalismo, ao passo que, ao mesmo tempo, o processo de individuação facilita uma diferenciação da massa alienada proposta pela lógica consumista e, de certa forma, dificulta o propósito capitalista, o capitalismo dificulta o processo de individuação.

Segundo Jung (2008a), o processo de individuação ocorre no homem de maneira espontânea e inconsciente, reflexo da sua natureza humana inata de integração e totalidade. Porém, esse processo só é real e significativo quando o indivíduo está consciente dele e mantendo uma ligação viva com o mesmo. Nas próprias palavras de Jung (2008a), individuação é um “processo através do qual nos tornamos o que realmente somos. A individuação leva à progressiva integração do self inconsciente na vida do indivíduo dentro dos seus limites de tempo e espaço”. Costa e Neves (2009) descrevem o processo de individuação como “um processo através do qual o ser humano evolui de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, o que implica uma ampliação da consciência articulando de forma harmoniosa as suas diferentes camadas.” Ou seja, esse processo se refere à integração entre o lado consciente e o lado inconsciente da psique.

Segundo Jung (1984), é por via do processo de individuação que o indivíduo se identifica mais com as orientações que provêm do “Si-mesmo” – sua personalidade individual – do que com as condutas, orientações e valores que emanam do meio social envolvente. Por isso, o autor afirma que se faz necessária tanto uma adaptação aos processos externos (condições naturais, culturais e sociais), como uma adaptação às condições interiores de cada um, como as percepções inconscientes. Desta maneira, defende Jung (2008b), é que se torna possível uma harmonização e uma integração entre duas vias permanentemente desarticuladas da psique humana: a via da consciência, que protege a razão e a coerência; e a via caótica do inconsciente.

Em síntese “a individuação é, portanto, um processo arquetípico que permite o surgimento lento de uma personalidade cada vez mais ampla” (COSTA; NEVES, 2009, p. 3-4.). Arquetípico porque as pessoas, no geral, nascem com uma tendência para esse movimento de integração e porque essa integração consciente – inconsciente é também possibilitada pelo reconhecimento dos arquétipos, pelo confronto com eles, pela vivência dos dois polos dos arquétipos e pelo entendimento de que não somos só bons ou só maus, mas que cada indivíduo possui os dois pólos dentro de si. Esse processo é, em suma, um movimento em direção a uma maior liberdade de ser, em direção a um reconhecimento do eu e de uma singularidade profunda.

Tendo em conta que a persona é um arquétipo, e, nessa pesquisa, o abordado para pensar analogamente às questões das relações interpessoais contemporâneas, podemos destacar, então, a importância do reconhecimento de sua existência no âmbito das relações interpessoais dentro do contexto capitalista e refletir acerca de como esse contexto demanda insistentemente não só existência de personas apropriadas para o cenário proposto, como muitas vezes a cristalização das mesmas. Se, reconhecer a persona, confrontá-la entender a necessidade de flexibilidade dela,

implicam no avanço do processo de individuação que, por sua vez, desvincula minimamente o indivíduo da padronização de subjetividades causada pelo capitalismo, a lógica consumista, exige cada vez mais que personas sejam assumidas e cristalizadas, reforçando o fundamento do “ter” e do “parecer ser”.

Isso acontece sempre que a cultura se reafirma em volta do belo, do racional, do perfeito, fazendo sua própria separação do que é feio e bonito, do que é apropriado e não é, e segregando tudo o que abrange o ser humano no sentido da sua essência mais crua. As pessoas acabam por fazer um grande esforço para se manter dentro dos padrões de aparência imposto pela lógica de pessoas perfeitas, aplicando e propagando a ideia de aparência e de mercadoria em que só devem se sujeitar as relações à altura dessa perfeição, que diminuem a ansiedade de um ritmo de vida absurdo e que se renovem constantemente sob pena de se tornar menos interessante do que a variedade de possibilidades do que ainda não se conhece e que se promete maior benefício. Não se tolera o que é visto como defeito e, ao mesmo tempo, qualquer coisa fora do ideal predeterminado é vista como defeito. Não por acaso, as relações acontecem como acontece com as mercadorias: se tem algo errado, para que consertar? Consertar leva tempo. Rouba de ti as possibilidades de aproveitar as novidades que se renovam e pulam frente aos olhos. Consertar exige reflexão, exige olhar para dentro. Troca. As opções são vastas. E segue assim a humanidade, com a vida cheia de relações vazias.

Jung (1991) percebeu que para que o processo de individuação aconteça, por toda a sua vida, o indivíduo precisa diferenciar-se conteúdos coletivos presumidos como sendo o indivíduo autônomo e conhecer esse conteúdo coletivo é imprescindível para o processo, já que “é impossível que alguém se diferencie de algo que não conheça. Na medida que se diferencia dos demais, menor necessidade terá de corresponder às expectativas do consumismo e menor será a necessidade da máscara que usa para se sentir seguro. Tonietto (2000) acrescenta que:

A partir disto que se torna possível aceitar-se a si mesmo, com as potencialidades e as fraquezas e, assim, fazer emergir a singularidade de cada indivíduo. Torna-se possível ser um in-divíduo, a unidade não divisível, o ser único que se é realmente, livre das máscaras, dos padrões coletivos das normas e valores, das expectativas de papéis a que as pessoas se prendem. (TONIETTO, 2000, p.86)

Jung (1991, p. 345), com pensamento semelhante, ainda acrescenta afirmando que “‘Verdadeiro’ e ‘válido’ é aquilo que a maioria crê, pois confirma a igualdade de todos. Mas para uma consciência diferenciada já não é mais de todo evidente que sua própria concepção se aplique aos outros, e vice-versa.

Em suma, o processo de individuação vai na contramão de como se vive na contemporaneidade. Exige que o indivíduo olhe para si, se escute, se conheça e se reconheça. Não se trata de assumir uma personalidade consolidada e cristalizar ela de maneira estável ou de viver em função de diversas personas, ao contrário, exige que o indivíduo se aceite, com todos os seus pontos positivos e negativos, com todas as suas inúmeras facetas, mas reconhecido nelas e que não se sinta inadequado pela sua diferenciação. Que seja cada vez mais autônomo e possa discernir as suas próprias vontades de toda essa massificação, que possa viver de maneira cada vez mais autêntica e se permita conhecer o outro real, permita que o outro se mostre para além do ideal, para que viver atrás de máscaras na ânsia de ser aceito pelo próximo não seja um marco das relações interpessoais e dessa confusão emocional que parece pertencer a tanta gente. Jung já havia alertado:

"O distanciamento das verdades do sangue produz uma agitação neurótica cujos exemplos abundam em nossos dias. Esta agitação, por sua vez, gera a falta de sentido da existência, falta esta que é uma enfermidade psíquica cuja amplitude e alcance total nossa época ainda não percebeu" (JUNG, 1991, p. 815).

Embora, este seja, obviamente, um longo caminho a ser percorrido, já que um verdadeiro processo de individuação do sujeito na nossa cultura não é nada simples, eis uma tentativa de ampliação da concepção do ser humano no âmbito das relações, contribuindo para a conscientização dos processos atuais e para a reflexão de um possível caminho que contribua para essas transformações. E por mais dificuldades que seja possível conceber para chegar a um maior grau de autenticidade, para aproximação das “verdades do sangue”, por mais difícil que pareça a emergência de indivíduos com maior totalidade em meio a fortes padrões de comportamento, é como disse Galeano “Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.” Serve para que não deixemos de caminhar. E para que não deixemos de assumir um compromisso social com o saber que nos é proporcionado, afinal, sem esse compromisso, todo ele não teria o menor sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que é inquestionável a necessidade de se compreender qualquer fenômeno psicológico como interlocutor de processos históricos sociais, não o fragmentando ou isolando-o do seu contexto, pode-se levar em conta que o sistema capitalista, exerce significativa influência às novas formas de relações interpessoais, na medida em que introduz direcionamentos nessas relações em conexão com seus princípios, por meio de uma transformação ideológica possibilitada

pela alienação, naturalizando e cristalizando algumas ideias, que ao mesmo tempo que sustentam e intensificam com magnitude esses novos modos de relações permeados pela efemeridade, mantém oculto seu caráter de dominação e dificulta a execução de uma consciência crítica.

Os efeitos da correlação da lógica consumista às relações interpessoais contemporâneas, vistos com base em conceitos da psicologia analítica, ultrapassa os limites do óbvio, evidenciando influências que vão muito além do tempo que nos é ocupado, também demonstrando uma série de estratégias e recursos que mantêm o indivíduo, muitas vezes, na superficialidade, distante do outro e distante de si. Trazer à consciência a tentativa de padronização subjetiva, bem como os processos sociais atuais que a colocam em vigor, é chamar para si a responsabilidade e a capacidade de produzir e alterar a cultura, estimulando uma transposição do lugar de apenas produtos de uma força maior, alheia a si, para o desenvolvimento de uma consciência crítica que possibilite questionamentos e transformações em direção ao olhar para dentro. É propor uma habituação ao exercício de se ouvir e de sair da zona de conforto rumo a renovações de valores necessárias para o alcance da autenticidade.

É, mais que isso, retificar que existe sim, em consolidação, uma ideologia que atinge as relações, tornando-as fortes aliadas do ritmo de vida de uma sociedade consumista e que ao mesmo tempo nos distancia das possibilidades de conviver com as dores, com as falhas, com o eu real de si e do outro e de se dar conta de que esse idealismo imposto está aquém de qualquer ser humano que se proponha a se conhecer, se reconhecer e conhecer o outro profundamente. Não é comparar ou qualificar as relações, é também mostrar que essa é apenas uma dentre muitas outras formas de se relacionar, que não é a única e não é a melhor, se não for a sua.

Trazer à consciência todo esse processo é exercer uma psicologia que transpõe a reprodução de condições necessárias à continuidade desse panorama social. É exercer uma psicologia comprometida com o advento de transformações que beneficiem o sujeito enquanto ser dotado de uma subjetividade, que o coloque em contato com seu inconsciente, e que, não entenda, a priori, que o sujeito na clínica possui incapacidade de vinculação ou medo da rejeição por algum episódio da infância, sem ter ao menos feito um reconhecimento do contexto social em que está imerso, como se a constituição de conflito a nível individual pudesse ser alheia aos processos sociais.

Por fim, embora não seja uma pretensão deste artigo a qualificação ou comparação das relações romantizadas com as atuais, constituídas por uma sociedade cada vez mais capitalista, é preciso retificar que em termos de análise, de reconhecimento do eu, de individuação, e de todo o processo de se reconhecer e se aceitar fora do enquadre à perfeição, o capitalismo é um fator fortemente prejudicial que merece ser debatido. Diante disto, e da dificuldade de colocar as pessoas em contato com essa temática que as convida a olhar pra si quando a ordem geral é justamente evitar que isso aconteça, visto que refletir pode causar tristeza, desamparo, angústia e inquietação e esses sentimentos também, diz a ordem consumista, devem ser evitados, supridos por algo como

fazer compras no shopping ou um tomar um remédio para dormir para evitar que o indivíduo imerja em si, esse artigo pretende estimular fóruns interdisciplinares, estimular outras pesquisas posteriores que aprimorem as reflexões e melhorar a sociedade, já que a proliferação desse conhecimento possibilita a conscientização dos processos que essa sociedade passa e uma ampla compreensão de si mesmo para melhor viver e compreender o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, U.F. **A dimensão afetiva na psique humana e a educação em valores.** São Paulo: Summus, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

_____. **Amor líquido.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BERING, Elaine Rossetti. **O Brasil em Contra-Reforma: desestruturação do Estado e perda de direitos.** São Paulo: Cortez, 2003.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** Rio de Janeiro: Editora Folha, 2003.

CAMPOS, Maria das Graças de Carvalho. **Axiodrama 654 – uma possibilidade de ressignificar o tempo e a impaciência na pós-modernidade.** Publicado por Tranças de Abordagem, em 30 novembro 2010, Produções Seleccionadas: Ciclo Publicações.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Ideologia e Educação.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-257, jan./mar. 2016.

CISNE, Mirla. **Institucionalização dos movimentos sociais: uma reflexão sobre a luta de classes na contemporaneidade.** Colóquio Marx e Engels, 5°. Campinas, 2007.

COLOMBO, Maristela. **Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo.** Rev. bras. psicodrama vol.20 no.1 São Paulo jun. 2012.

COSTA, Pedro; NEVES, José Pinheiro. **Algumas notas sobre o conceito de individuação em Jung e Simondon: pensando a natureza das novas mediações técnicas.** Universidade Lusófona, 14 e 15 de Abril de 2009.

DA POIN, C. (org.) **As formas do Vazio: desafios ao sujeito contemporâneo.** Rio de Janeiro: Via Lettera, 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes.** 4.ed. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 310.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Calvin S. e NORDBY, Vernon J. **Introdução à Psicologia Junguiana.** Cultrix, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira, Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEERS, J. **História Medieval.** Rio de Janeiro: [Bertrand Brasil](#), 1991.

Jung, C.G. **A Dinâmica do Inconsciente.** 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1991.

_____. **A Prática da Psicoterapia.** Obras Completas vol. XVI – Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **O eu e o Inconsciente: Dois Escritos Sobre Psicologia Analítica.** 22 ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

_____. **O homem e seus símbolos.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

_____. **Tipos Psicológicos.** 4 ed. Petrópolis, Vozes, 2008b.

LIPOVETSKY, Gilles. **Los tiempos hipermodernos.** Traduzido por Antonio Prometeo Moya. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.

MACHADO, L. D. **Subjetividades Contemporâneas.** In: BARROS, M. E. B. de (org.). *Psicologia: questões contemporâneas.* Vitória: EDUFES, 1999, p. 211-229.

PIRENNE, H. **História Econômica e Social da Idade Média.** 9 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1999.

ROLNIK, S. **Subjetividade Antropofágica.** In: BARROS, M.E. de (Org) *Texturas da psicologia: subjetividade e política no contemporâneo.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 11-28.

SHARP, Daryl. **Léxico Junguiano - Dicionário de Termos e Conceitos.** São Paulo: Cultrix, 1997.

TONIETTO, Lucy Terezinha. **O processo de Individuação no Trabalho: Um Diálogo entre Karl Marx e Carl Gustav Jung.** Universidade Federal de Santa Catarina, Setembro de 2000.

YOUN, Polly e DAWSON, Eisendrath Terence. **Manual de cambridge para estudos junguianos.** São Paulo: Artmed, 2002.